

APROXIMAÇÃO A DISTÂNCIA: O PARADOXO COMUNAL DAS REDES NO CAMPO DA ARTE

Ana Maria Alvarenga - UERJ

Isabela Frade - UERJ

Joice Henck - UERJ

Resumo

A partir da reflexão sobre os agenciamentos coletivos e entrelaçamentos pessoais nos grupos *Núcleo de Arte Copacabana*, *Avatares* e *Círculo de Arte da Terra*, perscrutamos o potencial relacional das redes sociais no âmbito da educação e produção artísticas. Os novos recursos de interconexão *online* afloram em múltiplas configurações, sendo modelados pela engenharia de sistemas mas também pelos próprios usuários. O uso dos recursos tecnológicos digitais, ainda por muitos temida e por outros superestimada, é apreciado pelas suas novas arquiteturas sociais.

Palavras-chave: presença, intimidade, formas relacionais, lugares de subjetivação.

Abstract

Upon reflection on collective and personal interlacements in the Copacabana Art Center, Avatars and Art Circle of the Earth groups, we investigate the relational potency of social networks in education and artistic production. The new online interconnection features arise in multiple configurations, being modeled by engineering systems but also by users. The use of digital technology resources, still feared by many and overstated by others, is appreciated in their new social architectures.

Key words: presence, intimacy, relational forms, places of subjectivation.

Introdução

O ciberespaço permite a abertura, flexibilização e entrelaçamento das identidades em um jogo de decodificação e permuta entre informações pessoais e coletivas. As múltiplas (des)identificações e conexões laterais subvertem as redes sociais já estabelecidas, numa nova configuração (ZIZEK, 2009): desatenção à hierarquia já programada – mesmo que esta ainda reverbere na rede – e de modo muito interessante e lúdico, uma vez que os sujeitos se experimentam em novas condições, quase sempre inéditas.

A comunicação a distância, promovendo relações íntimas entre os sujeitos, contribui para uma nova condição de sociabilidade, mais flexível e aberta, pois desconhece

barreiras espaciais: uma postagem dura apenas alguns segundos, tempo ínfimo de conexão entre dois ou milhares de pontos na rede. O grau de acesso cada vez mais ampliado na direção dos novos recursos da comunicação eletrônica constituem a ciberdemocracia como meta, a desmaterialização dos processos se fazendo como modos de realização de uma mídia de amplo espectro, largamente compartilhada.

As exclusões digitais são objetos de políticas públicas contundentes que percebem a urgência em compor ações educativas eficazes no domínio das novas linguagens. O que permanece como desafio é a ultrapassagem desses espaços de encontro com os recursos eletrônicos na condição de exercício comunitário para além da pesquisa e produção de conhecimento que possam abarcar os aspectos afetuais e sensíveis que envolvem as relações humanas. Nesse aspecto, nos dedicamos a pensar a arquitetura eletrônica dos novos ambientes educativos em arte experimentando novos modos de compartilhamento e convivência online.

André Lemos (2008) vai observar essa condição de crescente aproximação entre automação e estetização, acentuando o grau agudo de compartilhamento que a tecnologia contemporânea propicia, imbuídas na mistura entre desejo de potência e medo de transgressão, racionalidade e imaginário, utilidade e despesa improdutivo. “Com as novas tecnologias, a estética, como compartilhamento, vê-se radicalizada.” (Op. cit., p. 261). Interessa-nos, sobretudo, o exercício dos potenciais criativos num ativismo solidário pelos membros dos grupos com que estamos envolvidos, na busca de novos modos de entrelaçamento comunitário e artístico.

Aproximação e experimentação dos recursos digitais em comunidade de docentes artistas cariocas

No ano de 2008 a Secretaria Municipal de Educação da Cidade do Rio de Janeiro, resolveu disponibilizar computadores tipo notebook aos Professores e Especialistas de Educação integrantes do quadro de pessoal da Rede Pública do Sistema Municipal de Ensino, como dispõe a Resolução SME Nº993 DE 01 DE OUTUBRO DE 2008. A Resolução em questão colocou nas mãos do professor mais do que um simples recurso tecnológico a serviço da sua prática pedagógica, mas sim o vislumbre de uma mudança substancial no pensar as relações entre educação, comunicação, informação e formação. Estava lançado o desafio. Era a inauguração de um novo tempo para a comunidade de professores, despertando em alguns a

curiosidade, em muitos o medo e a negação e, em outros o desejo de vencer e dominar a máquina que ora desafia a sua capacidade de lidar com novos espaços de aprendizagem.

Toda mudança gera insegurança, medo, risco, que gera resistência por parte daquele que está sendo convocado a mudar. Numa rede tecida por 1064 escolas municipais onde se evidencia a complexidade de uma cidade a partir das suas diferenças geográficas, culturais, sociais e políticas reveladas nas falas, nos discursos e nas ações dos seus sujeitos. A convocatória à mudança exige tempo e ação contínua.

Num pequeno laboratório criado no Núcleo de Arte Copacabana para o universo de treze professores de arte da rede municipal do Rio de Janeiro, podemos perceber os diversos temperamentos no uso da máquina: dos mais temerosos aos mais audaciosos, dos mais receptivos aos mais resistentes, dos mais pacientes aos mais impacientes; porém todos, a despeito de suas naturezas para tal empreendimento, buscaram vencer as dificuldades e avançar nesse território considerado pela maioria, insólito.

Era o momento de avançar em conquista à nova linguagem já presente em nossas vidas. Perceber as mudanças nos padrões de comportamento, de comunicação, de interação, de informação, de relacionamento e de produção nas esferas individuais e coletivas.

Para Pierre Lévy (1999), a função do professor hoje não seria mais a de difusor dos conhecimentos, tarefa agora desempenhada pelos recursos tecnológicos de forma mais eficaz. Para ele a competência do professor seria deslocada no sentido de incentivar a aprendizagem e o pensamento.

O professor torna-se um “animador da inteligência coletiva” dos grupos que estão a seu encargo. Sua atividade será centrada no acompanhamento e na gestão das aprendizagens: incitamento à troca dos saberes, a mediação relacional e simbólica, a pilotagem personalizada dos percursos de aprendizagem. (Op. cit., p.171)

Foram meses de formação continuada pela comunidade de professores, onde aqueles que mais sabiam repassavam seus conhecimentos para os outros: *Office Word, Power Point, Movie Maker*, reprodução e cópia de filmes e músicas, *Media*

Player, Internet Explorer, Msn, Orkut e por fim a criação de um *Blog* (<http://nacopacabana.blogspot.com>), onde seriam postados os materiais produzidos pelo grupo, como textos de estudo e fotos das oficinas de arte, na projeção de um espaço virtual de aprendizagem cooperativa do Núcleo.

Era preciso reformular uma prática a partir de uma nova relação com o saber, aprender a habitar esse novo espaço emergente de experimentação e troca de conhecimentos abertos, contínuos, não lineares, fluidos, que se renovam e se ampliam continuamente. Uma janela aberta à interação, à intencionalidade, à criação, sem territorialidades e temporalidades definidas e estanques, onde a todo o momento se faziam atravessamentos múltiplos. Eram os momentos do “dia”, explorando o campo iluminado da tela e mudando hábitos de trabalho a partir da idéia que encontramos em Virilio (1993, p. 10):

[...] ao dia solar da astronomia, ao dia incerto da luz de velas e à iluminação elétrica acrescenta-se agora um falso-dia eletrônico, cujo calendário é composto apenas por uma “comutação” de informações sem qualquer relação com o tempo real. [...] Na tela de um terminal, a duração transforma-se em suporte-superfície de inscrição, literalmente ou ainda cinematicamente: o tempo constitui superfície.

A relação tempo-espaço se “constitui em superfície e velocidade de transmissão” (Op. cit., p. 11) e nesta relação, circunscrevemos as novas experiências de comunicar, de criar, de interagir. Nesta vivência estabelecemos outras formas de cognição e diferentes modelos de pensamento. O uso dos recursos digitais nos colocavam a urgência, diante dos novos paradigmas do saber e da comunicação, da tarefa de pensarmos a educação e a nossa formação docente.

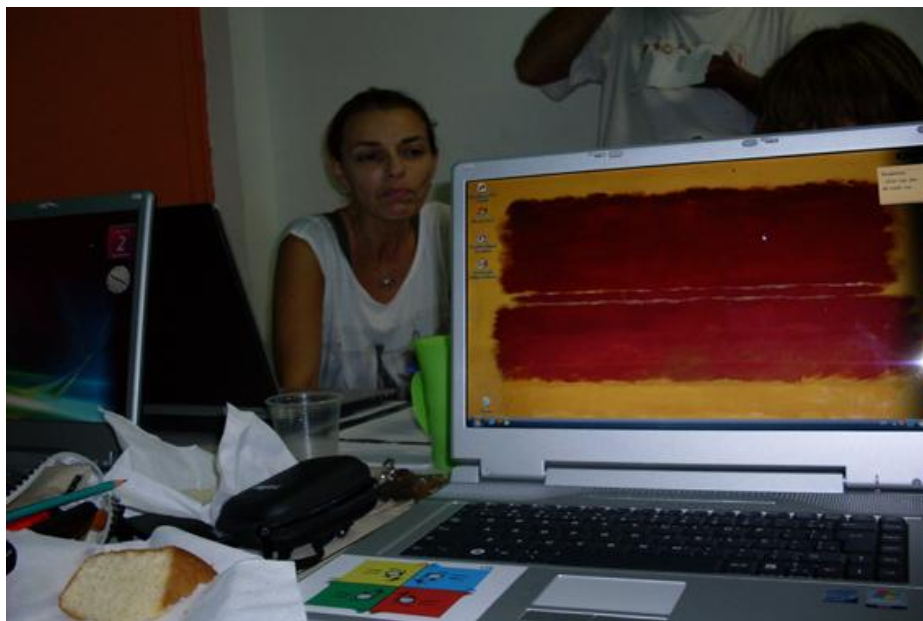


Fig. 1- No NAC, o contato presencial e virtual. Em atmosfera de proximidade e afeto, o grande esforço para vencer barreiras de uma linguagem desconhecida. Fonte: arquivo da pesquisa

Avatares – personas virtuais de artistas educadores

A sociedade humana está entrando num novo tempo, esse tempo que Lévy (1993, p. 17) descreve como sendo “uma destas épocas limítrofes na qual toda a antiga ordem das representações e dos saberes oscila para dar lugar a imaginários, modos de conhecimento e estilos de regulação social ainda pouco estabilizados.”

Um tempo de reinvenção da humanidade que a partir da informática vem mudando maneiras de atuar, de pensar, de saber e de conceber o conhecimento. Um tempo de novas formações socioculturais onde o sujeito, na sua interação via tela do computador, adquire grande autonomia e “se torna um produtor, criador, compositor, montador, apresentador e difusor de seus próprios produtos.” (SANTAELLA, 2003, p. 82).

As telas dos computadores estabelecem uma interface entre a eletricidade biológica e tecnológica, entre o utilizador e as redes. Na medida em que o usuário foi aprendendo a falar com as telas, através dos computadores, telecomandos, gravadores de vídeo e câmeras caseiras, seus hábitos exclusivos de consumismo automático passaram a conviver com hábitos mais autônomos de discriminação e escolhas próprias. Nascia aí a cultura da velocidade e das redes que veio trazendo consigo a necessidade de simultaneamente acelerar e humanizar a nossa interação com as máquinas. (Op. cit., 81)

Em meio às novas descobertas científicas e invenções tecnológicas, uma questão vem mobilizando teóricos e artistas: as transformações que o corpo humano vem passando e ainda vai passar. Essa discussão parte da idéia de se pensar o sujeito-observador do sistema como capaz de produzir parte do sistema que o gerou. Desse modo, segundo Santaella (Op. cit., p. 184), “Os organismos respondem ao seu ambiente de maneiras que são determinadas por sua organização interna. O único objetivo dos organismos é continuamente produzir e reproduzir a organização que os define como sistemas.”

Partindo do termo *ciborg* (*cib*-ernético + *org*-anismo) que surgiu para designar os “sistemas homem-máquina auto-regulativos” no contexto das viagens espaciais, onde as funções corporais seriam capazes de se acomodar a diversos ambientes, chegamos ao “cibercorpos inteiramente digitais que emprestam suas vidas simuladas para o transporte identificatório de usuários para dentro dos mundos paralelos do ciberespaço”. (Op. cit., 190). A estes cibercorpos damos o nome de *avatars*, termo cunhado por Stephenson em seu romance de ficção científica intitulado *Snow Crash* de 1992. Os avatares podem se apresentar em três dimensões como nos jogos virtuais ou em duas dimensões como as imagens usadas nas redes de comunicação.

A imersão no espaço virtual acontece em níveis diferentes, para o corpo plugado ao computador, o avatar é uma das formas imersivas representando um dos níveis de interação. Neste nível de imersão, o internauta seleciona um avatar que o represente e identifique no espaço virtual, sendo possível ao avatar encontrar e se comunicar com outros avatares.

[...] quando o internauta incorpora um avatar, produz-se uma duplicação na sua identidade, uma hesitação entre presença e ausência, estar e não estar, ser e não ser, certeza e fingimento, aqui e lá. (Op. cit., p. 203)

O projeto Exposição Avatares, é um projeto colaborativo de professores artistas, criado pela professora Dra. Angeles Saura, da Universidade Autônoma de Madrid com o objetivo de realizar uma exposição em formato virtual para ser apreciada através da rede social <http://arteweb.ning.com/> em 2010. Essa mostra era planejada também para se constituir em um espaço concreto, num encontro físico, onde essas obras se materializariam.

Com o grupo criado e o convite feito, cada associado interessado deveria criar um “avatar” - uma obra individual como auto retrato ou representação identitária para a exposição. O projeto Expo Avatares se configuraria então numa comunidade de professores-artistas reunidos em torno de um objetivo comum: a criação e o compartilhamento de avatares. Uma comunidade criada a partir de “laços associativos” (RECUERO, 2009), ou seja, resultado de um agrupamento que “independe de um esforço de sociabilidade” (Op. cit., p.152) entre seus membros, porém coesos no sentido de pertencimento a um grupo que ora se constituía. Esta comunidade de professores-artistas integrava a rede social <http://arteweb.ning.com/> que circunscreve vários outros projetos colaborativos, totalizando 957 membros de 14 países diferentes, dentre eles o Brasil.

Um avatar poderia, segundo o projeto, ter a forma de um animal, uma planta, um alienígena, ou qualquer outra coisa, e não necessariamente a forma de um corpo humano. Usando diferentes formas expressivas como desenho, pintura, colagem, fotografia e outras com ferramentas exclusivamente da *web*, cada professor-artista associado a esta comunidade criava então uma imagem para a sua representação simbólica dentro do espaço virtual: o avatar. A imagem digitalizada e formatada segundo padrões pré-estabelecidos seria enviada ao moderador do grupo e assim postada na *Exposição Avatares*.

Os corpos expandidos através dos avatares podendo estar presentes, mesmo a distância, no ambiente virtual da exposição. Avatares com vidas emprestadas viajaram juntos pelo ciberespaço para a exibição da *Exposição Avatares* em diversas cidades do mundo.

A primeira mostra aconteceu em junho de 2010, em Segóvia, na Espanha, marco inaugural da exposição em inovação triádica (virtual, presencial e itinerante). Na sequência, outras exposições se realizaram: Caracas em 08 de julho, Havana de 12 a 13 de julho, Madrid dia 24 de setembro, Toledo de 02 a 28 de novembro, Rio de Janeiro dia 23 de novembro, Goiânia nos dias 27 e 28 de novembro, e Bucaramanga de 18 de fevereiro a 11 de março de 2011. É importante observar os intervalos entres as exposições, alguma delas acontecendo quase que simultaneamente, denotam a velocidade com que os avatares podem se mover no espaço virtual.



Fig. 2 - Exposição *Avatares* em Toledo, Espanha. Fonte: <http://arteweb.ning.com>

A professora Dra. Angeles Saura fala sobre a itinerância do projeto:

Deseamos abrir el juego a la participación de artistas locales de otras ciudades y que la muestra siga recorrido itinerante. Propiciar un encuentro a doble espacio, virtual y real, de reflexión sobre como impactan las nuevas tecnologías y sus posibilidades em cuanto al conocimiento intercultural, la educación artística, la circulación y el acceso a los produtos culturales superando la denominada Brecha digital.

A experiência de ser um avatar, explorando um mesmo em outro, no jogo coletivo de construção de imagens identitárias, seres viajantes do ciberespaço, trouxe à nossa reflexão questões relativas aos corpos imersos em ambientes virtuais. São condições especiais que implicam em um corpo ao mesmo tempo presente e ausente, um “corpo interfaceado”¹ (SANTAELLA, Op. cit.), multifacetado e multicompartilhado e por isso ampliado na sua capacidade sensório-perceptiva.

Entre na roda! Construindo espaços de compartilhamento

Outra experiência nos instiga a pensar em novas formas de ser e de estar a partir das “mediações relacionais”. Na busca pela criação de um espaço de compartilhamento de saberes e fazeres entre mulheres da UERJ e da Mangueira – um dos objetivos do projeto “Terra Doce: saberes compartilhados na dinamização da produção em arte e ações ambientais na comunidade feminina mangueirense” ART/UERJ/FAPERJ – originou-se o coletivo de arte *O Círculo de Artes da Terra*, em sua forma sintética, *O Círculo*. Composto por diferentes mulheres, fato que

potencializa e enriquece a partilha e a produção do coletivo, sua heterogeneidade está presente na faixa etária, nos interesses, na profissão, na origem e entre muitos outros aspectos.



Fig. 4 - UERJ/Mangueira: O Círculo deseja constituir uma passarela de afetos. Fonte: arq.pesq. O desejo de pormos em contato mulheres com realidades tão distintas e ao mesmo tempo tão próximas², levou à observação de situações delicadas que tem em foco o ir e vir de pessoas entre esses dois espaços. O primeiro caso é que mesmo em momentos de abertura da comunidade acadêmica à sociedade – *UERJ sem Muros* – poucos eram os moradores da comunidade vizinha que participam de seus eventos. O segundo é que a circulação dos estudantes da UERJ na Mangueira se restringe ao espaço da escola de samba Estação Primeira de Mangueira.

A partir dessa vontade, realizamos pesquisas de campo na Mangueira e, posteriormente, numa proposta de educação artística não formal, oficinas de criação artística – desenho e modelagem em argila – com mulheres interessadas na troca e no compartilhamento de seus conhecimentos. Como afirma Bourriaud (2009, p. 11), “A atividade artística [...] tenta efetuar ligações modestas, abrir algumas passagens obstruídas, por em contato níveis de realidade apartados.”

Empenhados na problematização e investigação das relações entre uerjianas e mangueirenses, primeiramente realizamos encontros na Mangueira junto a ONG Casa das Artes – instituição esta que já desenvolvia projetos educacionais na comunidade. Era comum percebermos nas conversas, principalmente entre as

mulheres da Mangueira, o desejo por intensificarmos a experimentação com o barro. Essa vontade remetia a lembranças da infância e, em algumas delas, da cidade de origem. Com as dificuldades apresentadas pela ONG e a vontade de ativarmos uma produção em cerâmica, suas integrantes aceitaram a ideia de realizarmos um encontro semanal no laboratório de cerâmica na Coart/UERJ, e desde meados de 2009, isso se faz presente.

Reunindo atualmente 15 mulheres, o coletivo desde sua origem trabalha, questiona e pesquisa formas contemporâneas de produção, experimentação e compartilhamento tendo como norte mulheres artistas e questões que envolvem gênero, feminilidade (TOURAINÉ, 2001), corporalidade e memória (POLLAK, 192). Com a franca proposição de fazer arte, o coletivo parte do conceito de estética relacional – “arte que toma como horizonte teórico a esfera das interações humanas e seu contexto social mais do que a afirmação de um espaço simbólico autêntico e privado” – proposto por Bourriaud (Op. cit., p. 19), priorizando o sentimento de troca e colaboração, valorizando o estar-junto e elaboração coletiva do sentido.

A perspectiva relacional de troca e de compartilhamento dos saberes e fazeres inerentes a cada uma das mulheres, tendo como norte questões de arte e do feminino principalmente, também abarca a visão de Rancière (2005) quando discute o partilhar do sensível.

Denomino partilha do sensível o sistema de evidências sensíveis que revela, ao mesmo tempo, a existência de um comum e dos recortes que nele definem lugares e partes respectivas. Uma partilha do sensível fixa portanto, ao mesmo tempo, um comum partilhado e partes exclusivas. Essa repartição das partes e dos lugares se funda numa partilha de espaço, tempo e tipos de atividade que determina propriamente a maneira como um comum se presta à participação e como uns e outros tomam parte nessa partilha. (Op. cit., p. 15)

A realização de objetos em argila e cerâmica é concretização das indagações e reflexões conjuntas. É materialização, o tornar visível as subjetividades nas relações, do convívio, marcados pela arte, pelo feminino e seus atravessamentos. Como expõe Bourriaud (Op. cit., p. 80), “a arte não transcende as preocupação do cotidiano: ela nos põe diante da realidade através de uma relação singular com o mundo, através de uma ficção.” Desse modo, a produção plástica se desenvolve a partir de noções interativas, conviviais e relacionais. Dentro desse contexto e

vinculadas a essas discussões, surgiram obras como, por exemplo, *Corpo de Mulher e Gigantas*.

Fomentando a aproximação e a comunicação entre os sujeitos do coletivo *O Círculo* introduzimos um novo ambiente social disponível as integrantes. O computador ligado à Internet foi inserido no grupo num momento onde estávamos atentas as dificuldades de reunir membros de duas comunidades. Esses espaços de participação ora se fechavam, ora se abriam, revelando as distintas redomas epistêmicas e suas fachadas políticas opacas. Além disso, era motivadora a saudade daquelas que retornaram às suas famílias em outro estado e país. Afinal, como apresenta Bourriaud (Op. cit., p. 18) “o artista habita as circunstâncias dadas pelo presente para transformar o contexto de sua vida (sua relação com o mundo sensível ou conceitual) num universo duradouro.”

Por estarem mais bem habituadas e utilizarem as redes sociais para o contato assiduamente – prática reconhecida como displicente e improdutivo por alguns usuários da rede – a iniciativa da entrada do coletivo no ciberespaço partiu das integrantes mais jovens, entre 20 e 30 anos. O consenso à criação de um e-mail e *Orkut* foi bem-vindo por todas como estratégia à dinamização do encontro entre as mulheres e do intercâmbio de arquivos digitais, como poesias e fotos dos encontros, das experimentações plásticas, de exposições visitadas e realizadas. Assim, em novembro de 2009, foram criados os endereços eletrônicos: Terra Doce e terradoceuerj@yahoo.com.br.

A dinamização das relações entre as integrantes propagou aos seus familiares. Era comum o relato entre as artistas de 50 e 65 anos de pedirem auxílio a netos e filhos na comunicação mediada por computador (CMC), além do fornecerem seus respectivos diretórios eletrônicos às demais mulheres. Tendo em vista a defasagem no manuseio e conhecimento dessa nova linguagem, iniciamos um processo de habituação e aprendizagem de alguns de seus recursos por meio de um computador portátil nos encontros presenciais no laboratório de cerâmica.

Esse novo recurso não excluiu outros que o coletivo utilizava como, por exemplo, as ligações telefônicas. Houve, no entanto, um acréscimo à forma de compartilhamento entre as integrantes, sendo um lugar diferente à experimentação, pesquisa e

encontro. Encaramos o habitar nesse novo ambiente uma extensão do nosso trabalho de artes dentro de um campo fértil de experimentações sociais, “um espaço parcialmente poupado à uniformização dos comportamentos” (Op. cit., p. 13). Conforme as necessidades mais específicas foram surgindo no coletivo e novos recursos cibernéticos apreendidos e apresentados as mulheres, novas e diferentes ferramentas, interfaces e programas foram/estão sendo incorporadas e utilizadas, assim como são aprimoradas ou substituídas por mais avançadas e condizentes com nossa proposta.

Desse modo, ao procurarmos caminhos para a divulgação das exposições, das pesquisas, das fotos, entre outros, onde fosse público o acesso por outras pessoas iniciamos a montagem de um *blog* e um portfolio virtual. Este é armazenador de arquivos de fotos digitais onde as integrantes podem trocá-los e divulgar nossas produções. O *blog*, por outro lado, é uma plataforma de dados e divulgação. Nele se tem acessos às informações básicas e avançadas do *O Círculo*, como na categoria “quem somos”, onde apresentamos uma breve característica das artistas – construído ludicamente através do *Jogo da Berlinda* -, e “contatos” – endereço do ateliê e e-mail. Procuramos fazer desse espaço um campo para outros modos de relacionamento, uma extensão do trabalho de arte, onde vamos nos habituando pouco a pouco com o uso das ferramentas.



Fig. 5 - Blog Terra Doce UERJ (<http://terradoceuerj.wordpress.com/>). Fonte: arq. pesq.

Vale destacar que o que nos preocupa nesse processo de introdução e utilização do computador ligado à Internet, é o fato de algumas integrantes não terem acesso à rede online apesar de deterem certo aparato tecnológico. Como colocaram ao grupo, a prestadora do serviço não chega à sua moradia ou é falha a conexão. No decorrer da utilização também fomos surpreendidos pelo corte da Internet Banda Larga na Mangueira. O processo de entrada do PAC (Programa de Aceleração do Crescimento) e, em breve da UPP (Unidade de Polícia Pacificadora), fez com que serviços clandestinos como TV a cabo e Internet, conhecidos popularmente como “Gato Net”, fossem bloqueados. Era comum escutarmos: “Os caras foram lá e cortaram tudo. Agora, a gente quer contratar o serviço correto, mas eles não podem subir o morro. Os caras não deixam”.

Ao pensarmos nas dificuldades de cada integrante no grupo, vamos, através delas, conhecendo as múltiplas realidades que atravessam o coletivo. A delicada troca íntima das mulheres artistas, que trabalham exatamente com o material de suas biografias, coloca o desafio da criação de ambientes protegidos ao excesso da presença externa comum no ciberespaço. Como relatar situações familiares? Como criar à distância os projetos de arte que envolvem nossas próprias vidas? Essas indagações levaram à busca de recursos propícios à sua concretização e a criação das comunidades citadas.

Numa comunidade, todos nós entendemos bem, podemos confiar no que ouvimos, estamos seguros a maior parte do tempo e raramente ficamos desconcertados ou somos surpreendidos. Nunca somos estranhos entre nós. [...] podemos contar com a boa vontade do outro. (BAUMAN, 2003, p.8)

Da partilha sensível e inteligível

O ciberespaço se abre a diversas formas de interações sociais compreendendo processos comunicativos entre os atores sociais. Apresentamos reflexões que apontam para situações diferenciadas no que tange os aspectos relacionais de seus membros, mas também para pontos comuns na constituição das comunidades virtuais. Assim, diferem na origem da formação dos grupos: o *Avatares* independeu de uma sociabilidade pré-existente entre seus membros, se originando a partir de uma proposição artística feita pelo moderador. O *Centro de Arte Copacabana*, inversamente, explora contatos já efetivados, ainda que seja gerido por uma coordenação pedagógica, se aglutinando em torno das pesquisas sobre tecnologia

digital a partir das necessidades do próprio grupo. Os meios digitais criados pelo *Círculo de Arte da Terra*, por sua vez, se deram por iniciativa de algumas integrantes e derivam de envolvimento intenso e laços afetivos entre mulheres que trabalham, pesquisam e questionam juntas formas contemporâneas de produção em arte.

A condição para a intimidade é garantida pela confiabilidade entre os que formam o grupo. O impacto de uma presença ou depoimento ilícito na amplidão total da rede pode ser devastador. Recuero (Op. cit.) interroga esse grau de largo envolvimento, valorado enquanto forma de capital social. Ao mesmo tempo em que certos momentos se deseja associação intensa, exibida como forma de popularidade e adesão, em outro momento, se busca garantia e segurança no trânsito de informações.

Uma conversa através de *links* abertos limita a troca delicada e reveladora. Nesse sentido, as arquiteturas dos ambientes associativos são múltiplas e os modos de habitá-las também. Os véus que se constituem como filtros para a entrada em determinado sítio na interação com parceiros – salas de bate-papo ou grupos de discussão, por exemplo –, promovem essa ambiência das relações. O conforto nesses intercâmbios se deve ao grau controlado de exposição a olhares externos. A inteligibilidade dessa potencial condição de preservação da intimidade pelos diferentes tipos de veladuras é um aprendizado que pouco a pouco fazemos no exercício de circulação online.

As qualidades das experiências sensoriais na rede se fazem em envolvimento intenso e quase puramente visual. Ainda que se testem os dispositivos auditivos e tácteis, é a tela luminosa a interface primordial que constrói essa relação entre o indivíduo e o que ocorre no espaço virtual. Vivemos na “época da tela” (BOURRIAUD, Op. cit.). A imagem pode ser vista como filtro, ela é o meio que conduz ao contato controlado pelo sujeito, assim pronto a interagir com o meio distanciado de outras presenças sutis: indicação de uma presença instituída como persona – um avatar – que se dispõe para o contato. Percebemos como isso é importante pelo trabalho cuidadoso com essa imagem de si, revelando aspectos a provocar e atrair, na constituição de itens carismáticos.

No coletivo de arte analisado, ao contrário, essas imagens se revelam como concentração. Ainda que seja essa uma experiência vivenciada parcialmente por seus integrantes, pela novidade e estranhamento de alguns de seus membros – especialmente no caso das mulheres mais maduras sem contato direto com a internet –, sua conformação circular se exprime como fortalecimento do grupo e é exatamente aí onde a rede se fecha para essas artistas: na conformação de um “cluster”, circuito próprio com pouca interatividade (RECUERO, Op. cit.). Os laços comunitários, exigindo grande intimidade, revelam esse providencial encurtamento.

A paradoxal situação que observamos entre distância e proximidade se faz notar especialmente nos grupos que já estavam vinculados, como ocorre entre as mulheres do Círculo: é pelos emails que as trocas mais pessoais se constituem, no aprofundamento das relações e na continuidade de uma presença para além dos encontros semanais no ateliê. O esforço para a entrada das mais maduras nessa comunhão a distância tem se revelado frutífera e anima a pesquisa e construção de novas descobertas de objetos digitais. Os avatares, compostos de sujeitos de diferentes cidades e países, a partir de sua auto representação compactuam o desejo de inserção no circuito de arte, fortalecendo nesse compartilhamento seu próprio desígnio de artistas.

Para os docentes do NAC, a aquisição conjunta de recursos digitais é conquista de seu contínuo investimento, o que gera, por sua vez, modos de aproximação por profissionais em dispersão e quebra de seu isolamento. Repartem a esperança que a rede de ensino assim se efetive, como sistema integrado, auto regulado e interativo.

¹ “Corpos interfaceados” (Santaella, 2003) são os usuários que se movem no ciberespaço enquanto seus corpos ficam plugados no computador para a entrada e saída de fluxos de informação.

² Ambas as comunidades – UERJ e Mangueira – localizam-se uma ao lado da outra, sendo separadas pela Av. Radial Oeste e pela Linha Férrea

Referências

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade**. Trad. Plínio Dentzien, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

BOURRIAUD, Nicolas. **Estética Relacional**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

LEMOES, André. **Cibercultura - tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto

Alegre: Sulina, 2008.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

_____. **As Tecnologias da Inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Rio de Janeiro: Ed.34, 1993.

POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social**. In: Revista Estudos Históricos, ano 5, n.10. Rio de Janeiro: 1992.

RANCIÈRE, J. **A Partilha do Sensível**. São Paulo: Editora 34, 2005.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2009.

SANTAELLA, Lucia. **Culturas e artes do pós-humano**. Das culturas das mídias à cibercultura. São Paulo: Paulus, 2003.

SAURA, Angeles. **Avatares: Exposición de autorretratos colectivas, internacional e itinerante montada em clave 2.0**, 2010.

TOURAINÉ, Alain. **O Mundo das Mulheres**. Trad. Francisco Moras. Petrópolis: Editora Vozes, 2007

VIRILIO, Paul. **O Espaço Crítico**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

ZIZEK, Slavoj. In RANCIÈRE, J. **The Politics of Aesthetics**. London: Continuum, 2009.

Ana Maria Alvarenga

Docente no Núcleo de Arte Copacabana SME/RJ, integrante da equipe Observatório de Comunicação Estética OCE/CNPQ. Mestranda no PPGARTES/UERJ. amoalvarenga@iq.com.br

Isabela Frade

Docente no PPGARTES/UERJ e Procientista FAPERJ, lidera a equipe do Observatório de Comunicação Estética GP/CNPq. Coordena o projeto extensionista *Ceramicaviva* e o coletivo de arte *O Círculo*. isabelafrade@gmail.com

Joice Henck

Licencianda do Instituto de Artes da UERJ, membro da equipe do projeto *Ceramicaviva*, bolsista PIBIC/CNPQ, artista integrante do coletivo *O Círculo* desde 2009. Integra equipe de pesquisadores do GP/CNPq Observatório de Comunicação Estética. joicehenck@gmail.com